

“CETO DIA DOIS COLEGA SAIRO PARA PASIA...”: UMA ANÁLISE DAS MARCAS DA ORALIDADE NO PROCESSO DE ESCRITA DE ALUNOS DO 5ºANO

Fernanda Viana Castro¹
Rossana Regina G. R. Henz

RESUMO: O processo de aquisição da escrita não acontece em um único momento, mas de forma gradativa. A criança constrói e reconstrói hipóteses no processo de aprendizagem, passando por várias etapas até chegar à escrita alfabética. Assim, esta pesquisa teve por objetivo descrever e analisar as marcas da oralidade operadas por alunos do 5ºano no processo de escrita, bem como proceder com intervenções a fim de amenizá-las. Para isso, foram desenvolvidas oficinas de produção textual explorando o processo da reescrita coletiva. Quanto às marcas da oralidade identificadas, estas foram classificadas em categorias de erros, a luz dos estudos de Cagliari (2003) para compreender o porquê daquelas manifestações evitando qualquer tipo de preconceito. A base teórica é composta por estudos que tratam da relação entre oralidade e escrita, como Marcushi (2007;2008), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007), Costa (2005), Maciel (2013), além de Ferreiro (2001;2003), Koch (1998;2002), Cagliari (2003), Massini-Cagliari (1999), Fayol (2014) que refletem sobre o processo de escrita. Observou-se que no processo de reescrita, os alunos apresentaram um avanço quanto à redução das marcas da oralidade nas produções textuais. Ao reescrever, com o monitoramento da professora-pesquisadora, os discentes fizeram acréscimos, substituições e reduções de palavras, sem alterar a essência da narrativa.

PALAVRAS-CHAVE: Marcas da oralidade. Aquisição da escrita. Ensino da Língua.

ABSTRACT: The process of the acquisition of writing skills does not happen in a single step, but gradually. Children build and reconstruct assumptions in the learning process, going through several stages to reach the alphabetic writing. Thereunto, textual production workshops were developed exploring the process of collective rewriting. The methodological approach of the textual productions of five students was mapped out during and after the workshops in order to track the performance of each. In regards to the speech marks identified, those were classified into categories of errors, the method of Cagliari's studies (2003) to better understand the reason of those events avoiding any kind of prejudice. The theoretical basis is composed by studies regarding the relationship between spoken and written, as Marcushi (2007; 2008), Bortoni-Ricardo (2005), Bagno (2007), Costa (2005), Maciel (2013), and Smith (2001; 2003), Koch (1998, 2002), Cagliari (2003), Massini-Cagliari (1999), Fayol (2014) that reflect

¹ Mestre em Letras – professora do Instituto Federal do Piauí – prof.nanda@ifpi.edu.br

² Doutora em Língua Portuguesa – professora da Universidade de Pernambuco – rossana.ramos@upe.br

on the writing process. It was observed that in the rewrite process, the students presented some improvement in reducing the speech marks in textual productions. By rewriting under teacher-researcher monitoring, the students made additions, substitutions and reductions of words without changing the essence of the narrative.

KEY WORDS: Orality and writing, textual rewriting, writing skills acquisition.

Introdução

Partindo-se do princípio de que a discussão sobre fala e escrita provocam reflexões diversas, entre elas, a ideia de que tal relação não se reduz a um elenco de diferenças ou semelhanças formais, materiais, funcionais e linguísticas dicotomizadas, mas que constituem um *continuum* dialético processual entre a língua oral e a língua escrita (Costa, 2005), consideramos que um estudo nesse campo se faz relevante, sobretudo, ao ensino/aprendizagem da escrita. Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo expor o resultado da compreensão e análise das marcas de oralidade presentes na construção dos textos de alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I, quando ainda se encontram no processo de aquisição da escrita.

Com suas peculiaridades, língua oral e língua escrita desempenham na sociedade papéis relevantes e como esclarece Marcuschi (2001 e 2008), não são concorrentes, mas sim, se manifestam em caráter de complementaridade, cada uma cumprindo funções específicas. As duas modalidades são fundamentais e referem-se a duas maneiras dos indivíduos organizarem seus discursos e assim interagirem cotidianamente. Tanto a fala quanto a escrita são essenciais no processo de comunicação. Referem-se a duas maneiras dos indivíduos estruturarem seus discursos para praticarem as interações no dia a dia, sem que uma seja mais importante que a outra. Isto é, cada uma tem seu lugar. Não concorrem, não competem, mas são complementares e utilizadas harmonicamente (MARCUSCHI, 2001).

Outra contribuição de Marcuschi (2007) diz respeito aos usos da língua. Segundo o estudioso os usos que fazemos da língua são determinantes na variação linguística. Assegura que o que diferencia a escrita da fala é que a escrita apresenta elementos

significativos ausentes na fala e vice-versa. Diz ainda que fala e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, ambas consentindo exposições informais e formais, variações estilísticas, dialetais, sociais, dentre outras. Dessa forma, Marcuschi (2007) defende a ideia de que a escrita é utilizada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo com a fala, posto que, fala e escrita são consideradas como práticas sociais e atividades comunicativas.

Nota-se que as diversas formas de competência com as quais a criança chega à escola constituem a matéria-prima para o professor lidar com as diversidades linguísticas. Assim sendo, essa matéria deve ser trabalhada de forma adequada para que a criança realize eficientemente todas as funções próprias da língua que implicam estabelecer uma comunicação eficaz com outras pessoas, demonstrar sua personalidade, desenvolver conceitos que permitam estruturar a percepção de mundo e, por fim, utilizar a linguagem como uma ferramenta de raciocínio. E quanto à aquisição da escrita? Como ocorre em meio a essa relação entre fala e escrita?

A aquisição da escrita não é instantânea e natural como é a da fala. De forma gradativa, o indivíduo aprende as concepções, regras e normas que compõe este processo, ou seja, há uma série de reflexões a que o indivíduo é submetido até chegar de fato ao domínio da escrita. Ferreiro & Teberosky (2001, p.35) afirmam que:

A construção do conhecimento da leitura e da escrita tem uma lógica individual, embora aberta a interação social, na escola ou fora dela. No processo, a criança passa por etapas, com avanços e recuos, até se apossar do código linguístico e dominá-lo.

O tempo necessário para o aluno transpor cada uma das etapas é muito variável. Duas das consequências mais importantes do construtivismo para a prática de sala de aula são, respeitar a evolução de cada criança e compreender que um desempenho mais vagaroso não significa que ela seja menos inteligente ou dedicada do que as demais.

A aquisição da escrita é um processo imprescindível na formação escolar do indivíduo. O professor é o mediador das primeiras leituras e é necessário que exerça essa mediação de forma segura e prazerosa, não apenas apontando os erros/desvios, isto é, aquilo que se diferencia da norma padrão da Língua, mas percebendo que o aluno se expressa da maneira que sabe e por isso, em muitas situações, ocorre a transcrição da fala

para a escrita, o que para muitos professores constitui-se em erro. Com base nesses pressupostos, nosso estudo analisa as relações entre fala e escrita presentes nas produções textuais de alunos em questão. Como parte do trabalho, realizamos intervenções em sala de aula desenvolvendo oficinas de produção textual.

Nosso interesse por esse campo resulta de um processo de convívio com estudantes e professores para os quais a relação entre oralidade e escrita se constituem como um complexo mundo no qual todos estão inseridos, entretanto poucos alcançam êxito no desenvolvimento das produções escritas. Os resultados da pesquisa contribuem para a ampliação do conhecimento de professores, estudantes e demais interessados a respeito das práticas da oralidade e da escrita.

Aparato Teórico

Como a aprendizagem da leitura e da escrita pode ser vivenciada senão atrelada às modalidades oral e escrita? Impossível dissociar tais modalidades de um processo básico que todo indivíduo passa ao chegar à escola. Tanto a oralidade quanto a escrita se caracterizam como fenômenos essenciais para a vida humana, sobretudo em sociedades grafocêntricas. Desse modo, para os estudos da linguagem, faz-se necessário lançar um olhar criterioso sobre esses fenômenos (práticas sociais) a partir, por exemplo, da diferenciação entre seus contextos de uso. De acordo com Marcuschi (2008), muitas marcas do indivíduo passam pela fala devido a seu caráter de envolvimento situacional; entretanto, na escrita isso não acontece, já que existe um caráter de afastamento. Tanto a fala quanto a escrita são contextualizadas. A oralidade apresenta um conjunto de elementos simbólicos, dos quais, não podem ser passados para a escrita, por exemplo, o tom de voz, a velocidade, a gestualidade, dentre outros. A fala, assim como a escrita, são formas históricas de manifestação que vão assimilando ao longo da história todos os desenvolvimentos, tecnológicos dentre outros. Nossa escrita tem ficado cada vez menos alfabética e tem envolvido cada vez mais outras formas simbólicas.

Observa-se que as práticas da oralidade e da escrita representam a cognição manifestada de práticas específicas de cada núcleo social, não sendo uma ou outra instância

superior à outra. Na ordem cronológica, a fala antecede o momento da escrita, contudo, em determinadas situações, esta seja mais prestigiada que a fala. Por sua vez, a fala é a ferramenta humana privilegiada da comunicação, cujo material e expressão seguem as próprias normas, conseqüentemente, tais normas presumem a existência de variantes. Quanto à escrita, esta procura seguir a ordem da norma padrão de uma língua, o que legitima ser a gramática, o estudo das regras de aplicação do material linguístico acessível para o seu uso. Desta forma, a norma-padrão do escrever requer mais atenção, o que não significa ser a fala menos complicada, e não é a modalidade escrita que corresponde à fala, considerando que os gêneros textuais variam, na forma escrita. Marcuschi (2001, p.43) reitera este pensamento com a seguinte informação:

As diferenças entre a fala e escrita podem ser frutiferamente vistas e analisadas na perspectiva do uso e não do sistema. E neste caso, a determinação da relação fala - escrita tornou-se mais congruente levando-se em consideração não o código, mas os usos do código.

Fala e escrita, por natureza, são compostas por formulações diferentes. Ambas caracterizam-se por serem produções discursivas com objetivos comunicativos. A fala é descrita pelo manuseio de sons articulados e sistemáticos, incluindo-se a utilização de recursos expressivos, tais como: mímica, movimentos corporais e a gestualidade. Enquanto que a escrita constitui-se do sistema gráfico, composto de letras, números, desenhos e pontuação.

Em linhas gerais não existe escrita genuína, enquanto modalidade autônoma trata-se de uma modalidade empregada pela língua, complementar à fala. Por sua vez, a oralidade é considerada uma prática social com finalidade comunicativa, apresentando-se sob variados gêneros textuais, originados no meio sonoro. A oralidade perpassa tanto pela informalidade como pela formalidade em contextos comunicacionais diversos.

Identificar as probabilidades de convergências entre oralidade e escrita não significa negar a existência de diferenças vitais entre o funcionamento dessas modalidades, impossibilitando o indivíduo falar da mesma maneira que escreve e vice-versa. Para Marcuschi (2007), as modalidades oral e escrita apresentam peculiaridades em sua composição, delineadas pelas particularidades das circunstâncias em que são produzidas.

Desse modo, a fala e a escrita são meios de representação social que se propagam em um contexto sociocultural marcado.

Outras contribuições sobre esse assunto solidificam o entendimento acerca das características da escrita, como por exemplo, para o estudioso Fayol (2014), quando afirma que:

Produzir por escrito, em vez de oralmente, levanta certo número de problemas. Quem emite as mensagens deve ser capaz de escrever utilizando rápida e eficazmente sinais gráficos cuja aprendizagem é lenta e difícil e cujo uso permanece oneroso para a maioria dos adultos. Trata-se de converter sequências de grafemas armazenadas na memória temporária em movimentos que permitam produzir sequências de letras ordenadas. (FAYOL, 2014, págs. 21 e 22).

Notamos que escrever não é uma atividade simples, pelo contrário envolve raciocínio. Fayol (2014) complementa essa ideia ratificando que a produção escrita é uma atividade dispendiosa em atenção e memória para todos que a executam.

Por sua vez, Urbano (in PRETI, 2006, p. 133 e 134) ao analisar os aspectos que diferenciam as duas modalidades, acrescenta que a produção do texto escrito subdivide-se em duas etapas e dois tempos: o tempo da atividade mental (geração ou busca de ideias) e o tempo da prática verbal (realização linguística efetiva). Dessa forma, *a posteriori*, o texto é veiculado. É possível considerar, em outra dimensão, diversos níveis de planejamento, como por exemplo: rítmico, verbal, de formas e modos de uso do discurso (narração, descrição, dissertação, dentre outros), planejamento estilístico (estilo coloquial ou oral), por fim o planejamento pragmático (atenção ao contexto).

Segundo Barros (in PRETI) há uma diferença de aceitação na fala e na escrita, isto é:

são aceitos na fala usos considerados insuficientes na escrita (a gramática dita popular nas gramáticas ou nos termos e expressões considerados populares nos dicionários) e são bem aceitos na escrita, mas não na fala, os usos ditos excessivos, ou seja, a linguagem erudita e/ou literária de que tratam as gramáticas e os eruditismos dos dicionários. (PRETI, 2006, p.135)

Portanto, depreende-se que, o que existe entre fala e escrita vai além da imaginação humana, dos muitos estudos formulados a esse respeito. Isto é, a produção de sentidos, as relações entre os indivíduos, bem como a efetivação da comunicação, não se resume a determinadas formas, pelo contrário, podem ser vivenciados diversificadamente.

Diante do exposto, surge um questionamento: Qual o papel da escola diante de duas modalidades tão essenciais ao ensino da leitura e da escrita?

Marcuschi (2007) explica que:

seria interessante que ela soubesse algo mais sobre essa questão para enfrentar sua tarefa com maior preparo e maleabilidade, servindo até mesmo de orientação na seleção de textos e definição de níveis de linguagem a trabalhar. Parece que a escrita tem uma perspectiva na escola e outra fora dela. A perspectiva da dicotomia estrita oferece um modelo muito difundido nos manuais escolares, que pode ser considerado como a visão imanentista que deu origem à maioria das gramáticas pedagógicas que se acham hoje em uso. Sugere dicotomias estanques com separação entre forma e conteúdo, separação entre língua e uso e toma a língua como sistema de regras, o que conduz o ensino de língua ao ensino de regras gramaticais. (MARCUSCHI, 2007, p. 35)

É necessário que a escola mantenha o equilíbrio no trabalho com as duas modalidades. Ou seja, exponha as diferenças e semelhanças que caracterizam oralidade e escrita, e que, esclareça para o aluno que em determinadas situações ele deverá escolher uma em detrimento de outra, o que não significa que aquela é mais importante que esta. Em relação a isso, embora não seja esse um elemento presente nessa pesquisa, podemos aqui notificar que tal distinção, atualmente, está relacionada ao ensino de escrita por meio da perspectiva de gêneros.

Outro aspecto relevante que precisa ser esclarecido pela escola é que, a modalidade escrita não se resume simplesmente na transcrição fonética da fala, pois nem sempre há um único som para cada letra. Sem dúvida, esse tipo de situação pode confundir o aluno, já que para determinadas palavras a transcrição fonética da fala para a escrita é a mesma, porém, para outras palavras isso não funciona. Desse modo, cabe ao professor elucidar o porquê de tais situações a fim de dirimir as dúvidas que certamente surgirão. Ao compreender tais diferenças o professor se habilita a mediar o processo de aprendizagem das formas conhecidas da fala para as formas desconhecidas da escrita. Por fim, é imprescindível que o aluno perceba a função social que cada modalidade desempenha, pois, esse é o passo inicial para distinguir e utilizar fala e escrita de modo proficiente.

Material e Métodos

Esta pesquisa foi desenvolvida na Escola Pública Municipal Maria Clara Machado, instituição de Ensino Fundamental I e II da cidade de Petrolina-PE, localizada no Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, N-08, zona rural. O processo ocorreu durante as aulas de Língua Portuguesa nos dois primeiros bimestres letivo do corrente ano (2016). A turma selecionada foi o 5ºano A, que conta com 30 (trinta) alunos regularmente matriculados e residentes no Núcleo 08 (N-08), com faixa etária entre 10 e 11 anos de idade.. Para o desenvolvimento da pesquisa realizamos 05 (cinco) oficinas que totalizaram 10 (dez) aulas com duração de 50 minutos.

A 1ª oficina constitui-se de uma sondagem sobre o que os alunos conheciam a respeito do gênero textual Fábula. Após ouvi-los, realizamos uma exposição mais detalhada acerca do referido gênero, destacando os personagens envolvidos, as características do enredo, a presença da moral no final da história e por fim a função social da fábula. Em seguida, convidamos os alunos a contarem para a turma uma fábula conhecida a fim de ilustrar nosso trabalho e deixá-los mais à vontade para participar daquele momento. Dentre os 30 (trinta) alunos que estavam presentes, dois se propuseram a contar a história “A cigarra e a formiga” de *Esopo*, esse momento foi marcado de euforia e agitação, pois cada um queria ter a oportunidade de contar o que sabia sobre a referida história. Finalizamos a aula esclarecendo algumas dúvidas a respeito da fábula e informamos nosso retorno para continuação do trabalho.

A segunda oficina caracterizou-se pela apresentação e leitura coletiva da fábula “O urso e os dois viajantes” (*Esopo*). Por duas vezes a leitura foi realizada em voz alta para que todos entendessem melhor a narrativa. Em seguida abriu-se uma discussão sobre a temática do texto, principalmente quanto ao sentido da moral da história. Notamos que nesse momento alguns se sentiram à vontade para falar sobre suas experiências com amizades verdadeiras e falsas, enquanto outros preferiram ouvir os colegas. Após esse debate, os alunos foram convidados a reescrever a história como se estivessem contando para alguém, como um amigo ou um familiar, buscando preservar o enredo da fábula. Essa primeira produção textual serviu de base para as demais produções, pois os alunos, individualmente,

reescreveram a história de modo espontâneo e natural, ou seja, o que foi entendido deveria ser escrito “da maneira deles”. Esclarecemos que não se tratava de uma cópia do texto original, mas que escreveriam o que de fato foi entendido sobre a história.

Já a terceira oficina caracterizou-se pela nossa primeira intervenção. Das 30 (trinta) produções textuais realizadas na oficina anterior, cinco foram selecionadas para compor o nosso *corpus* das análises. O texto do aluno *KS* foi o primeiro a ser escolhido para iniciar o processo de intervenção. No formato original, a produção textual foi exposta em sala de aula, utilizando-se do quadro digital para facilitar a visualização de todos. A reação dos alunos ao ver o texto de um colega de classe, exposto no quadro, foi de admiração e euforia, pois não imaginavam que o texto de um deles pudesse ser o objeto central da aula. Muitos ficaram curiosos para saber a quem pertencia o texto, porém essa informação não foi revelada. Com o texto no quadro, solicitamos aos alunos que observassem atentamente a maneira como aquela história foi escrita, pois o próximo passo seria a reescrita. Realizamos uma leitura coletiva e logo iniciamos nosso diálogo, não apontando “erros”, mas instigando os alunos a pensarem quanto à escrita de determinadas palavras, que foram grafadas diferentemente da norma padrão. Com perguntas do tipo: “A palavra X pode ser escrita de outro modo? Qual? Podemos reescrever a palavra Y da mesma maneira que está no texto? Qual a sugestão de vocês?” E eles percebiam e apontavam os problemas de escrita, ao passo que também sugeriam outra maneira de escrevê-la. Desse modo a reescrita foi desenvolvida no quadro para que todos acompanhassem e em folha individual reescrevessem seus textos. Essa atividade foi efetuada por partes, frase por frase, para que aos poucos eles notassem que determinadas palavras, não estavam de acordo com a norma padrão. É preciso ressaltar que, outros desvios também foram identificados, tais como, separação silábica, uso indevido de letras maiúsculas e minúsculas e ausência dos sinais de pontuação.

Após a reescrita do texto, e diante de duas realidades, texto original do aluno *KS* e texto reescrito com a participação de todos, procedemos com a releitura dos dois textos a fim de que, comparativamente, as diferenças entre eles fossem nitidamente reconhecidas. Partindo de questionamentos, que despertassem a curiosidade dos alunos, buscamos uma identificação de marcas da oralidade no texto, de modo que eles associassem a leitura da

palavra “X” ao que já sabiam, ou pelos menos tivessem uma noção e em seguida comparassem ao que estava escrito no quadro, para então perceber a diferença entre a pronúncia e a escrita. A utilização do raciocínio lógico nesse processo foi importante, pois o aluno após associar leitura x palavra escrita no quadro, perceberia a ocorrência de uma transposição da fala para a escrita, e que, conseqüentemente a palavra “X” se diferenciava da norma padrão da Língua. Desse modo, o texto foi sendo reescrito com a participação de todos, pois eram instigados a responderem, eram desafiados o tempo inteiro, o que motivou no desenvolvimento da atividade, não como uma cópia, mas um texto original, feito naquele momento e por todos. Para concluir nossa participação, bombons foram distribuídos entre os discentes.

Na quarta oficina realizamos nossa segunda intervenção. Esta etapa da pesquisa seguiu o mesmo entendimento da oficina anterior. Desta vez, o texto do aluno *VR* foi o escolhido para ser reescrito, por também apresentar marcas da oralidade em vários trechos. Originalmente, o texto foi exposto no quadro e mais uma vez a curiosidade em saber quem era o autor não foi diferente. Entretanto, preservamos a identidade do aluno, ocultando o nome, deixando apenas o texto em evidencia. Esclarecemos ainda que, nosso objetivo não era ridicularizar a escrita de “A” ou “B”, pelo contrário, nosso intuito era contribuir para o desenvolvimento da leitura e escrita de cada um deles. Iniciamos com a leitura do texto. Solicitamos que as meninas comesçassem e que os meninos terminassem, de modo que todos pudessem participar. Logo após, frase por frase foi analisada, e questionamentos foram feitos, tais como: “O que vocês acham que o colega *VR* quis dizer ao escrever: *u Uso É dois Viajate*”? E nesse outro trecho: “Quando dirite laviha o uso atravesado o camiho” ? Desse modo, o texto foi reescrito, à medida que os alunos iam respondendo aos nossos questionamentos, apontando outra forma de escrita, livre de marcas da oralidade.

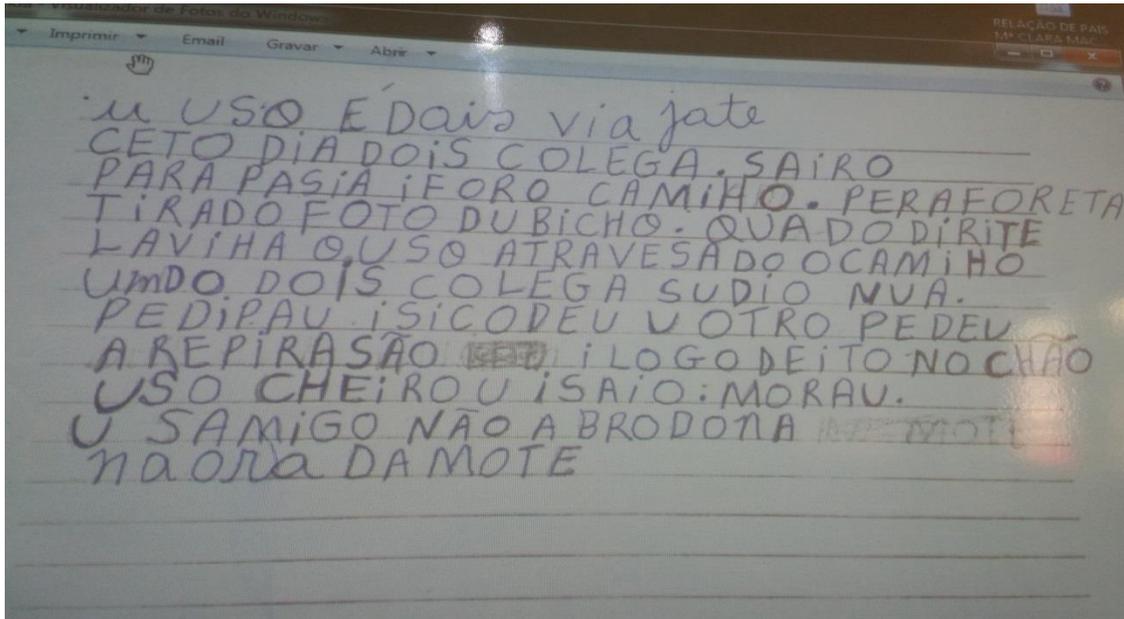


Figura 1- Texto do aluno VR

Na quinta oficina realizamos a terceira produção textual. Assim como as anteriores, reconstruímos junto aos alunos a fábula “O urso e os dois viajantes”, texto base de nossas oficinas. Desta vez a produção textual escolhida foi a do aluno *TS*. Apresentando marcas da oralidade, o referido texto foi exposto em sala de aula no formato original, para que todos notassem a seriedade do nosso trabalho, além de perceberem que entre as produções textuais deles, algumas apresentavam o mesmo comportamento linguístico, a transposição da fala para a escrita. Procedemos com a leitura coletiva do texto, desta vez os meninos iniciaram e as meninas terminaram. Como a história já era bem conhecida, não houve necessidade de repetirmos a leitura. Entretanto, solicitamos que todos observassem atentamente para a escrita das palavras, aquelas que estavam de acordo à norma padrão e as que não estavam. Para as palavras que não estavam conforme a norma padrão, questionamos o porquê de tal ocorrência e que hipóteses eles levantariam que explicassem aqueles desvios linguísticos.

A reescrita seguiu os mesmos passos das anteriores, frase por frase foi analisada a fim de verificar minuciosamente cada detalhe das palavras e não deixar escapar nenhuma observação a esse respeito. Lançamos para todos questionamentos do tipo: “Para essa

palavra K existe outra forma de ser escrita?”; “O que o aluno TG quis dizer ao escrever esta expressão W?”; “Falta alguma letra nesta palavra? Qual?”; “Vocês acham que houve algum tipo de troca de letras nesta palavra? Qual?”

E, assim a reescrita foi concluída, de modo que os alunos participavam a todo instante, pois eram convidados a isso, além de que eram estimulados a desenvolverem uma atividade de acordo ao nível de aprendizagem deles, pois todos já sabiam ler e escrever. Tratava-se de uma questão de raciocínio, perceber que as palavras do texto apresentavam desvios da norma padrão, por terem sido transcritas do mesmo modo que foram pronunciadas. Concluímos nossas intervenções agradecendo a professora responsável pela turma, por nos ceder algumas aulas de LP para desenvolvermos nossa pesquisa, e aos alunos, por participarem das atividades propostas. No final, balas e pirulitos foram entregues a todos.

Resultados e Discussão

Após o desenvolvimento dessa pesquisa podemos apontar algumas reflexões sobre as marcas da oralidade na aquisição da escrita de alunos do 5ºano. Em momento algum falamos em “erro”, mas sim optamos por instigar os alunos, interrogando-os se para determinada palavra existiria outra forma de escrita. E por que isso acontece? Por que podemos escrever as palavras de várias formas? O que houve com a escrita do aluno VR? Como eles se sentiram desafiados, e havia algo de lógico na situação que ora vivenciávamos, manter a atenção entre pronúncia e escrita foi imprescindível a fim de entender o “mistério” daquela situação. Os alunos observaram que o colega VR transpôs para o texto escrito a pronúncia das palavras.

Ao longo das oficinas, os alunos passaram a perceber que havia nos textos diversas palavras carregadas de marcas da oralidade, o que evidenciou um resultado satisfatório, já que nosso objetivo que foi despertar a consciência metalinguística dos alunos para um modo de escrever que esteja submetido a regras. Outro ponto importante foi a conclusão de que a descoberta “das regras” da escrita se desenvolvem com a prática da leitura e da escrita. E era isso que estávamos fazendo, praticando a leitura e a escrita, instigando a

consciência metalinguística de cada um, a fim de refazermos um texto segundo as normas da escrita.

Conclusão

Os resultados nos proporcionam uma reflexão sobre a importância de compreender que as marcas da oralidade na escrita de alunos do 5º ano, não podem ser consideradas como “erros”, mas tentativas de acertos, fazendo parte de um momento de construção da escrita em que as regras ainda não são totalmente conhecidas. Essa tendência natural para a transcrição fonética ocorre justamente em função do desejo de expressão pela escrita e do desconhecimento das regras ortográficas e gramaticais.

Durante o processo de aplicação das oficinas, observamos que os alunos entenderam como necessária a prática da leitura e da escrita para o conhecimento das regras. Questões relacionadas à homofonia, à omissão de fonemas ou à grafia de fonemas omissos na fala (como é o caso do H inicial sem valor sonoro) precisam ser evidenciadas (discutidas) porque, sobretudo para os iniciantes é natural que a dúvida exista sobre como escrever esta ou aquela palavra. O que certamente concorre para a solução dessas questões, a nosso ver, mediante o resultado da pesquisa, é prática de escrita mediada pelo professor, ou seja, por meio de análises e conversas com os alunos sobre as formas da escrita, sistematicamente, esses alunos passam a compreender e aplicar as normas da escrita em suas produções textuais.

No caso dessa pesquisa, observamos de fato que ao longo das oficinas, os alunos apresentaram novos resultados, o que constituiu-se como algo positivo no processo. Como respaldo às nossas análises, retomamos Cagliari (2004) que afirma que os acertos não são obra do acaso ou que os erros não são por falta de capacidade ou pura desatenção dos alunos. O que ocorre nesse processo de desenvolvimento da escrita, nos mostra como o aluno reflete o que aprendeu tanto nas atividades escritas, como na forma de interpretar o fenômeno que cotidianamente estuda.

Referências

BARROS, Diana Luz Pessoa. Entre a fala e a escrita: algumas reflexões entre sobre as posições intermediárias. In: PRETTI, Dino (org.) *Fala e escrita em questão*. São Paulo: Humanitas, 2006.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização & lingüística*. 10.ed. São Paulo: Scipione, 2004.

COSTA, S.R. *Oralidade, escrita e escritura: construção da linguagem e do letramento*. In HÓRVÁTH GYULA (Ed.) *Cathedra Scientiarum Socialum*. Tomus XX/ 2005, p. 29-44, 2005 Kaposvar/Hu: Universidade de Kaposvár/ Departamento de Ciências Sociais. ISSN 14/18 – 7191.

FAYOL, Michel. *Aquisição da escrita*; Tradução Marcos Bagno. – 1.ed. – São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

FERREIRO Emilia e TEBEROSKY, Ana. *Reflexões sobre alfabetização*. 24 ed. Atualizada. São Paulo: Cortez, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. *Investigando a relação oral/ escrito*. Campinas Mercado de Letras, 2001.

_____. *Produção textual, análise de gênero e compreensão*. São Paulo: Parábola editorial, 2008.